

Feito a muitas mãos: reflexões sobre a autoria dos painéis de azulejos do Palácio Gustavo Capanema

Made by many hands: reflections on the authorship of the tile panels at Palácio Gustavo Capanema

DOI: 10.20396/rhac.v4i2.18395

IACI D'ASSUNÇÃO SANTOS

Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

 0000-0001-8912-0575

Resumo

Os painéis de azulejos do conjunto arquitetônico do Palácio Gustavo Capanema, ícone da arquitetura modernista carioca e brasileira localizado na área central da cidade do Rio de Janeiro, são costumeiramente associados ao artista Candido Portinari, responsável por diversas obras que compõem o acervo do prédio. Contudo, uma parte dos desenhos desses painéis não tem indicação clara da autoria e outra é assinada por Paulo Rossi Osir, artista responsável pela confecção dos azulejos. Esta trama intrincada é aqui acionada como forma de colocar em debate algumas das questões que atravessam a produção desta arte feita a muitas mãos.

Palavras-chave: Painéis. Capanema. Azulejo. Autoria.

Abstract

The tile panels in the architectural complex of the Palácio Gustavo Capanema, an icon of Rio de Janeiro and Brazilian modernist architecture located in the central area of the city of Rio de Janeiro, are usually associated with the artist Candido Portinari, responsible for several works that make up the building's collection. However, part of the drawings on these panels have no clear indication of authorship and another is signed by Paulo Rossi Osir, the artist responsible for making the tiles. This intricate plot is brought into play here as a way of bringing into debate some of the issues that permeate the production of this art made by many hands.

Keywords: Panels. Capanema. Tile. Authorship.

O Palácio e suas obras de arte

O Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, foi construído no governo Getúlio Vargas para abrigar originalmente o Ministério da Educação e Saúde Pública.

[...] **A pedra fundamental foi lançada em** 24 de abril de 1937 e o prédio inaugurado em 3 de outubro de 1945. O projeto definitivo apresentado por Lúcio Costa, teve a colaboração de Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão e Hernani Vasconcelos, sendo desenvolvido na base do risco original de Le Corbusier¹.

Trata-se de uma obra emblemática da arquitetura brasileira cuja exuberância se expressa em vidro e concreto armado. A escolha do projeto contou com o esforço pessoal do Ministro Gustavo Capanema para que estivesse alinhado com o que houvesse de mais moderno em termos de arquitetura. O projeto para o novo prédio do Ministério seria selecionado através de um concurso promovido no ano de 1935. Mas insatisfeito com o resultado do qual saiu vencedor o arquiteto Archimedes Memória, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes, Gustavo Capanema tratou de entrar em contato com Lúcio Costa² – que ocupara o cargo de diretor da Escola no período imediatamente anterior a gestão de Archimedes Memória - para dar prosseguimento a um novo projeto mais alinhado com a arquitetura nova³.

Gustavo Capanema interferiu de maneira decisiva em várias etapas do projeto e por sugestão de Lúcio Costa solicitou formalmente ao arquiteto franco-suíço Le Corbusier que fizesse comentários e avaliasse o projeto elaborado por Costa e sua equipe⁴. A partir das modificações de Le Corbusier a arquitetura brasileira inovou e foram incorporados pela primeira vez em grande escala a fachada

¹ DANTAS, Raymundo Souza. **Palácio da Cultura**. Rio de Janeiro: Souza Cruz, [1973?], p.3, grifo nosso.

² Lissovsky *et al* assinalam que a cronologia oficial que envolve a escolha do projeto é resumida pelos seguintes marcos: “junho/julho de 1935 – primeira fase de escolha dos anteprojetos; 1/10/1935 – encerramento do concurso; 2/1/1936 – pagamento do prêmio aos projetos vencedores; 4 a 23/3/1936 – três técnicos escrevem pareceres condenando o projeto vencedor; 25/3/1936 – Gustavo Capanema convida Lúcio Costa para elaborar novo projeto”. Contudo, o autor sinaliza que em carta de Lúcio Costa a Le Corbusier o arquiteto brasileiro relata que em setembro de 1935 o ministro teria feito o convite para elaborar o projeto para o prédio e que no arquivo pessoal de Gustavo Capanema consta proposta de trabalho enviada por Lúcio Costa em 8/1/1936, ou seja, antes dos pareceres de março. LISSOVSKY, Maurício; MORAES DE SÁ, Paulo Sergio. **Colunas da educação**: a construção do Ministério da Educação e Saúde, 1935-1945. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. XVII.

³ Entre os membros da nova comissão estava além de Lúcio Costa, também Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Ernani Vasconcelos, Carlos Leão e Jorge Moreira.

⁴ Le Corbusier participaria no “exame do projeto do prédio do MES, bem como dos planos da Cidade Universitária do Brasil, além da realização no Rio de Janeiro de um ciclo de conferências sobre arquitetura moderna” (LISSOVSKY; MORAES DE SÁ, *op. cit.*, 1996, p.44). Destaca-se que o próprio Le Corbusier indica que seus planos derivavam dos planos feitos por Lúcio Costa e sua equipe. Em 1962 ele retornaria ao Brasil e pode então ver o prédio já concluído.

totalmente envidraçada (fachada sul) e o sistema de *brise-soleil* (quebra-sol) horizontais basculantes (fachada norte)⁵. Além disso, o prédio é sustentado por pilotis que conferem uma sensação de leveza⁶.

Além dos elementos arquitetônicos o prédio se diferenciava também por seu acervo artístico que não se limitava a exercer uma função decorativa e fazia com que o prédio se tornasse singular em relação a outras construções⁷. Tratava-se de um projeto que buscava integrar arquitetura e arte⁸. A escolha das peças que compõem o acervo também sofreu diretamente a influência do ministro, que as selecionou tendo como ideia a noção de que elas deviam “encarnar o próprio espírito e ideais da obra educacional a cargo do ministério”⁹.

O acervo de obras de arte que foi formado para compor o prédio conta com a contribuição de vários artistas, dentre eles Candido Portinari, com os afrescos da série “Ciclos econômicos”¹⁰, as pinturas da série “Quatro elementos”, “Jogos infantis”, “Escola de canto” e “Côro”¹¹, e, os painéis de azulejo “Conchas e hipocampos”¹² e “Estrela-do-mar e peixes”¹³.

Carlos Zílio (1982) em “Querela do Brasil” sublinha questões relativas ao trabalho de Portinari e pontua que especificamente os murais de azulejos do Palácio Capanema constituem uma das obras mais expressivas do Modernismo¹⁴. Apesar disso, para o crítico, as limitações que fizeram parte do processo de feitura dos painéis assinados por Portinari teriam feito com que seus biógrafos a tivessem dado

⁵ Há que se assinalar ainda que o sistema de *brise-soleil* foi inovador enquanto solução técnica “que antecipou em várias décadas a procura da sustentabilidade através do conforto ambiental”. SEGRE, Roberto *et al.* O Ministério da Educação e Saúde Pública (1935-1945): SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 8, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do 8º Seminário...** Rio de Janeiro: DOCOMOMO, 2009, p. 8. Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/149.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

⁶ *Idem.* **Ministério da Educação e Saúde:** ícone urbano da modernidade brasileira. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2013.

⁷ SEGRE *et al.*, *op. cit.*, 2009.

⁸ *Id.*, *op. cit.*, 2013.

⁹ LISSOVSKY *et al.*, *op. cit.*, 1996, p. 220.

¹⁰ Ciclos econômicos: corte do Pau-Brasil, colheita da cana-de-açúcar (280x250 cm), criação de gado (280x247 cm), garimpagem de ouro (280x298 cm), colheita do fumo (280x294 cm), colheita de algodão (280x300 cm), colheita de erva-mate (280x297 cm), colheita de café (280x297 cm), colheita de cacau (280x298 cm), fundição do ferro (280x248 cm), extração da borracha (280x248 cm), exploração da carnaúba (280x 248 cm). Todos os afrescos da série ciclos econômicos estão localizados no antigo gabinete do ministro no segundo andar do prédio e datam de 1936 a 1944. Cf.: IPHAN. Palácio Gustavo Capanema: Obras de arte/Resumo ficha Técnica. In: **Caderno 2 PRPPC**. Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro, 1985, folha 6.

¹¹ Óleo sobre tela: série quatro elementos (fogo, água, ar e terra), 200x250 cm, 1943. Têmpera: Jogos infantis (477x1295 cm), Escola de canto (490x405 cm) e Côro (490x412 cm). Todos localizados no segundo andar do prédio e datados de 1945. IPHAN, *op. cit.*, 1985, folha 6.

¹² Candido Portinari. **Conchas e hipocampos**, 1941-45. Painel de azulejos, 995x1574 cm, 1941-45, Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro. Conta com azulejo de arremate com inscrição indicando que a composição é de Portinari (IPHAN, *op. cit.*, 1985, folha 8). Corresponde ao painel de azulejos HFO (Hall dos funcionários fachada oeste) na nomenclatura dos documentos do PRPPC de 1982 e 1985. IPHAN. Palácio da Cultura: E 010 - Azulejaria. In: **PRPPC**. Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro, 1982. (Características dos padrões e tipos de azulejo).

¹³ Candido Portinari. **Estrela-do-mar e peixes**, 1941-45. Painel de azulejos, 995x1574 cm, 1941-45, Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro. Conta com azulejo de arremate com inscrição indicando que a composição é de Portinari (IPHAN, 1985, folha 8). Corresponde ao painel de azulejos Painel de azulejos HFL (Hall dos funcionários fachada leste) na nomenclatura dos documentos do PRPPC de 1982 e 1985. IPHAN, *op. cit.*, 1982.

¹⁴ ZÍLIO, Carlos. **A querela do Brasil**. A questão da identidade na arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari. Rio de Janeiro: Funarte, 1982, p. 111.

relativamente pouca importância¹⁵. Dentre as questões assinala a intermediação que atravessa a produção dos azulejos ao observar que se trata de uma técnica da qual participam artista e artesão - o que para o crítico teria imposto um certo distanciamento de Portinari em relação a esta obra em especial.

O uso de azulejos e a exploração de seu potencial plástico veio a reboque das sugestões de Le Corbusier para o projeto do Ministério e cumpria ainda a função de elemento ligado ao nacional¹⁶. As paredes onde os painéis de azulejos estão instalados são por eles completamente ocupadas. Os pilotis que arejam a enorme estrutura de vidro e concreto que sustentam paradoxalmente se veem por eles inundados. Para Segre, os azulejos do Capanema operam uma conexão com a paisagem carioca.¹⁷

Cabe pontuar que à época da construção do MES, os azulejos, mesmo que associados a um Portinari já consagrado são apresentados pela imprensa ao público como um entre tantos outros *detalhes* que poderiam despertar interesse nos visitantes. Já os afrescos no interior são referenciados como “grandes preciosidades”.

Na reportagem “O novo edifício do Ministério da Educação – uma obra notável da arquitetura moderna”, de 19/06/42 do Correio da Manhã, destaca-se: “É aí também no salão de audiências, assim como no auditório, que se encontram uma das grandes preciosidades do edifício – as pinturas murais de Portinari, o grande pintor brasileiro de renome mundial”. E o texto segue:

Essa é uma ligeira descrição do edifício. Mas há por referir em especial a grande quantidade de detalhes que interessam ao visitante. Como arte, além dos trabalhos de Portinari já referidos há ainda as esculturas de Celso Antônio e Adriana Janacopulos e há os painéis de azulejos desenhados por Portinari e executados por Paulo Rossi¹⁸.

¹⁵ ZÍLIO, *op. cit.*, 1982, p.111.

¹⁶ “Se a tradição à qual se vinculava a concepção arquitetônica do edifício do MES não poderia ser genuinamente demonstrada como nacional, ao menos seus componentes decorativos – como os azulejos, para os quais se buscou incessantemente uma tonalidade de azul semelhante aos da igreja do Outeiro da Glória – deveriam preencher esse requisito”. LISSOVSKY *et al*, *op. cit.*, 1996, p. XXII.

Carlos Zílio também registra em “A querela do Brasil” que o uso dos azulejos seria fruto de uma sugestão de Le Corbusier. A este respeito pontua que a sugestão teria sido incorporada “com o objetivo de dar uma maior leveza às bases do prédio, ao mesmo tempo que se incorporaria uma aparência ligada à tradição da arquitetura portuguesa e colonial brasileira”. ZÍLIO, *op. cit.*, 1982, p.110.

¹⁷ SEGRE, *op. cit.*, 2013.

¹⁸ O NOVO edifício do Ministério da Educação – uma obra notável da arquitetura moderna. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 jun. 1942. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: out. 2016.

Os azulejos assinados por Portinari foram confeccionados na oficina do artista Paulo Rossi Osir¹⁹, o Ateliê Osirarte, em São Paulo, fundado em 1940²⁰ para atender a encomenda dos painéis do MES²¹. Fazem parte de um conjunto composto ainda por outros sete painéis de azulejo que ornaram parte das fachadas do prédio na Rua da Imprensa e Araújo Porto Alegre, assim como as caixas que revestem as escadas principal e secundária nos pilotis. Dentre estes painéis um, “Motivos Marinheiros I”²², que reveste a caixa da escada secundária - é assinado por Paulo Rossi Osir²³.

Todo o conjunto – no qual o próprio Paulo Rossi Osir figura também como artista e não apenas como artesão - data de 1941 a 1946 e segundo Mário Barata (1955) teria sido:

A partir de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, **que os arquitetos teriam** procurado usar, amplamente, essa forma de revestimento parietal, possibilitando a desenhistas e a pintores exercer uma atividade criadora dentro desse gênero de arte cerâmica²⁴.

Ao acatar a sugestão de Le Corbusier sobre o uso de azulejos no Palácio Gustavo Capanema, Lucio Costa e sua equipe promoveram uma revalorização do uso desse tipo de revestimento na arquitetura brasileira.

¹⁹ Seu nome de registro é Paulo Cláudio Rossi. RIBEIRO, Niura A. L. **Rossi Osir** – artista e idealizador cultural. 1995. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, p. 9. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-25052023-112058/publico/742428NiuraAparecidaLegramanteRibeiroV1.pdf>. Acesso em 27 nov. 2023.

²⁰ A Osirarte esteve vinculada ao nome artístico de seu fundador e funcionou até a morte do artista em 1959. RIBEIRO, *op. cit.*, 1995, p. 174.

²¹ Lemos aponta que Paulo Rossi teria criado o Ateliê Osirarte para atender a encomenda de Portinari, contudo preferimos nos referir à encomenda como “encomenda dos painéis do MES”. Uma vez que foi firmado contrato diretamente entre Paulo Rossi e o Ministério, onde este figura como encomendador da obra. LEMOS, Carlos A. C. Azulejos decorados na modernidade arquitetônica brasileira. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.20, 1984, p. 172.

²² Paulo C. Rossi Osir. **Motivos Marinheiros I**, 1946. Painel de azulejos, 525 x 2460 cm, Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro. Corresponde ao painel CES (caixa de escada secundária) na nomenclatura dos documentos do PRPPC de 1982 e 1985. IPHAN, *op. cit.*, 1982.

²³ O painel de azulejos “Motivos Marinheiros I” que reveste a Caixa de Escada Secundária - CES (525 x 2460 cm, 1946, pilotis) conta com azulejo de arremate com inscrição indicando que a composição é de Paulo Rossi (IPHAN, 1985, folha 8). Sobre a autoria dos painéis do Palácio Capanema, cabe complementar que Frederico Moraes (1988) em “Azulejaria contemporânea no Brasil” ao destacar o trabalho feito por Portinari e pela Osirarte registra que três de cinco painéis externos seriam de autoria de Paulo Rossi Osir. Sem nomear as obras de maneira mais específica, o autor faz a análise de elementos presentes nos painéis instalados nos pilotis Motivos Marinheiros I e o sem título que reveste a caixa da escada principal (CEP) e não especifica qual seria o terceiro painel. Complementa mencionando a inscrição da autoria pela composição em apenas um painel sem, contudo, desdobrar de maneira crítica a questão. “Dos painéis ali implantados em cinco pontos diferentes, três são de autoria do próprio Rossi Osir e dois, os do bloco lateral que dá para a Avenida Graça Aranha, de Portinari. [...] Que três dos cinco painéis externos do MEC são de autoria de Paulo Rossi Osir confirma-se na inscrição no canto esquerdo inferior do painel que dá para a Rua da Imprensa, onde se lê: Composição de Paulo C. Rossi Osir, Osirarte, São Paulo, 1946”. MORAIS, Frederico. **Azulejaria contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações LTDA, 1988, p. 30-31.

²⁴ BARATA, Mário. **Azulejos no Brasil** - séculos XVII XVIII e XIX. Tese apresentada à Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil para o concurso de professor catedrático de História da Arte. Rio de Janeiro: [s.n.], 1955, p.6-7, grifo nosso.

Os painéis do MES se inscrevem, portanto, no contexto amplo das transformações promovidas pela arquitetura moderna no contexto artístico brasileiro de meados do século XX, que abarca também a retomada e requalificação da arte do azulejo no Brasil. Esse processo se liga, por sua vez, especialmente ao trabalho desenvolvido por Paulo Rossi Osir e a produção da Osirarte²⁵, que executou também outros painéis de azulejos além dos do Palácio Capanema. Destacam-se os desenvolvidos também com desenhos de Portinari para outro projeto modernista assinado por Oscar Niemeyer, a Igreja da Pampulha, na cidade de Belo Horizonte²⁶. Mas a Osirarte não se limitou ao trabalho ligado à arquitetura, a experiência e a empresa montada com esta finalidade fez com que Paulo Rossi Osir produzisse outras obras em azulejos na década de 1940²⁷. Curiosamente, em 1943 em entrevista para o jornal “A Manhã”²⁸, por ocasião da exposição que abria na cidade do Rio de Janeiro, declarou que desejava, com seus trabalhos, descolar-se da tradição do azulejo português que havia servido de inspiração para os azulejos do Palácio Capanema²⁹.

Feito a muitas mãos: a especificidade do azulejo

O azulejo é marcado pela particularidade de ser uma arte da qual participam vários ofícios. Segundo o vocabulário controlado ao qual está associado, quanto a autoria há que se falar em: autor, azulejador, encomendador, ladrilhador, olaria ou fábrica, oleiro e pintor. Onde: autor é “quem concebe

²⁵ Sobre o trabalho de Paulo Rossi Osir e a produção da Osirarte destaca-se o trabalho de Ribeiro (1995) com a dissertação de mestrado intitulada “Rossi Osir – artista e idealizador cultural”, defendida em 1995 e sob orientação de Walter Zaninni [1925-2013]. Sobre a questão relativa a autoria de parte dos painéis do palácio Capanema, a autora desta dissertação faz menção a um dos documentos técnicos do IPHAN para o ano de 1984 e assinala a possível existência de painéis cujos cartões de desenho seriam atribuídos a Paulo Rossi. Assinala ainda um trecho de uma carta trocada com Candido Portinari em que fala da entrega de 700 metros quadrados de padrões e o painel com os desenhos de Portinari instalados na fachada da Avenida Graça Aranha, mas destaca a inscrição existente no local indicando a composição de Portinari e a execução da Osirarte.

²⁶ “O investimento feito na execução dos painéis do MEC, apesar de exigirem um esforço hercúleo para obter as tonalidades desejadas e muita paciência para enfrentar a lentidão habitual da burocracia ministerial, rendeu bons resultados a Rossi Osir. O certo é que além dos painéis do MEC, a Osirarte executou outros para o mesmo Portinari na Igreja da Pampulha, para Burlle Marx (Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos, e Clube de Regatas Vasco da Gama, na Lagoa), Anísio Medeiros (Pedregulho e Cataguases) e Poty, em Curitiba”. MORAIS, *op. cit.*, 1988, p. 32.

²⁷ “Dessa pequena indústria, por ele fundada e dirigida, na década de 40, surgiram os melhores azulejos artísticos do País. Para tanto soube cercar-se de um grupo escolhido de artistas, da categoria de Volpi, Hilde e Zanini, para lembrar alguns. A princípio, a indústria se constituía quase que exclusivamente para atender à demanda do Ministério da Educação, empenhado em revestir a fachada de seu então novo edifício com painéis de azulejos, sob o desenho de Candido Portinari. Sendo difícil, na ocasião, encontrar-se quem reunisse condições para desempenhar-se dessa tarefa, dado o seu teor predominantemente artístico, Rossi, a convite do próprio Portinari, aceitou em executá-la”. ALMEIDA, Paulo Mendes de Almeida. Três perfis. In: ALMEIDA, Paulo Mendes de Almeida. **De Anita ao Museu**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. p.162-163.

²⁸ PAULO Rossi retoma, com um conceito eminentemente nacional a arte do azulejo. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1943. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: out. 2016.

²⁹ Para além da produção ligada a Osirarte, Paulo Rossi, cuja formação era a de arquiteto, produziu também pinturas em aquarela e óleo.

e/ou cria a obra, podendo não corresponder a quem executa”³⁰; autorias dizem respeito a “todos os intervenientes envolvidos na concepção e/ou na execução da obra”³¹; no lugar de azulejador deve-se usar preferencialmente ladrilhador³², que por sua vez atualmente é considerado “quem domina a produção, estabelecendo o contato com o encomendador, distribuindo a encomenda pela olaria e pintor, e dirigindo a aplicação final”³³; encomendador é a pessoa ou instituição responsável pela encomenda; olaria é a unidade de produção artesanal; oleiro o responsável pela manufatura do azulejo; e, pintor “pode corresponder ao autor ou executante”³⁴.

Candido Portinari é reconhecidamente o autor dos dois grandes painéis³⁵ do Palácio Gustavo Capanema, que contam, inclusive, com a inscrição que lhe dá o crédito pela composição. A Osirarte, empresa criada por Paulo Rossi Osir para confeccionar especialmente os azulejos dos painéis, figura como executante e teria ficado responsável também pelo trabalho de pintura a partir dos desenhos feitos por Portinari. A informação sobre a autoria está inscrita nos próprios painéis, em um detalhe que pode ser observado no canto inferior direito no caso do painel da livreria e margem inferior esquerda no caso do painel da Avenida Graça Aranha.

Mas como já assinalamos, além destes dois painéis cuja composição é de Portinari, o Palácio Gustavo Capanema conta com outros sete painéis de azulejos³⁶. Um dos quais, também localizado nos pilotis do prédio, conta com inscrição de autoria que indica que a composição é de Paulo Rossi Osir. Trata-se do painel “Motivos Marinhos I”, com figuras avulsas e temática marinha que reveste a caixa de escada secundária³⁷.

No memorial descritivo de 1982³⁸ produzido no contexto do Projeto de Recuperação e Preservação do Palácio da Cultura³⁹, onde estão relacionadas as características dos painéis e tipos de azulejos de maneira detalhada, aparece um total de 9 painéis de azulejos. Além dos três painéis cuja autoria está associada aos nomes de Paulo Rossi Osir e Candido Portinari, outros seis painéis aparecem relacionados, mas sem indicação da composição. Dentre os não identificados quanto a composição há, contudo, a

³⁰ GUIA de Inventário de Azulejo in situ. 2014, p. 28. Disponível em: http://redeazulejo.letras.ulisboa.pt/multimedia/File/guia_inventario_v1.pdf. Acesso em: jun. 2017.

³¹ *Ibidem*, loc. cit.

³² *Ibid.*, p.30.

³³ *Ibid.*, p.30.

³⁴ *Ibid.*, p.31.

³⁵ Painéis instalados na fachada da Avenida Graça Aranha e na parte interna dos pilotis que desembocam na Graça Aranha.

³⁶ Sendo um deles localizado no segundo pavimento do prédio.

³⁷ De aproximadamente 122 m2, datado de 1946 e localizado nos pilotis próximo à Rua da Imprensa.

³⁸ IPHAN, *op. cit.*, 1982.

³⁹ Em 1960 o prédio ganhou a denominação de Palácio da Cultura e em 1985 passou a se chamar Palácio Gustavo Capanema.

identificação de execução pela Osirarte e datação de 1941 para três painéis. São eles os painéis “Conchas e peixes I”⁴⁰, “Conchas e peixes II”⁴¹ e o painel sem título que reveste a Caixa da escada principal⁴².



Figura 1:

Sem título, 1941. Painel de Azulejos, 1941-1945, 465x2235 cm. Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro. Fonte: Foto da autora.

Já em levantamento realizado no ano de 1985 estão relacionados 10 painéis de azulejos, sendo um não instalado⁴³. Neste mesmo documento Portinari está identificado como autor dos painéis “Conchas e hipocampos” e “Estrela-do-mar e peixes” e Paulo Rossi Osir como autor do painel “Motivos Marinhos I”. Os

⁴⁰ **Conchas e peixes I**, 1941. Painel de azulejos, 1323 x 2354 cm, Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro. Na nomenclatura dos documentos do PRPPC de 1982 e 1985 corresponde ao painel SCO (salão de conferências fachada oeste) localizado nos pilotis próximo à Rua Araújo Porto Alegre.

⁴¹ **Conchas e peixes II**, 1941. Painel de azulejos, 1323 x 2354 cm, Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro. Na nomenclatura dos documentos do PRPPC de 1982 e 1985 corresponde ao painel SCL (salão de conferências fachada leste) localizado nos pilotis próximo à Rua da Imprensa.

⁴² **Sem título**, 1941. Painel de azulejos, 465 x 2235 cm, Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro.. Na nomenclatura dos documentos do PRPPC de 1982 e 1985 corresponde ao painel CEP (Caixa da escada principal) localizado nos pilotis próximo à Rua da Imprensa.

⁴³ Caderno 2 PRPPC – Palácio Gustavo Capanema: Obras de arte/Resumo; Ficha Técnica. IPHAN, *op. cit.*, 1985, folha 8.

outros sete painéis relacionados - incluindo o não instalado - tem a indicação de que a autoria seria de Portinari, com a ressalva de que não possuem assinatura⁴⁴.

Em outro documento do IPHAN, de 2002, onde o responsável pela área de conservação se dirige à chefe do DITEC para tratar especificamente sobre os painéis de azulejos do Palácio Gustavo Capanema⁴⁵, consta a informação de que os painéis sofreram amplo trabalho de restauro entre os anos de 1995 e 1998. Tendo sido o primeiro painel a ser restaurado o painel “Motivos Marinhos I”, que conforme registra o documento seria o único cuja autoria não seria de Portinari e sim de Paulo Rossi Osir. Informa ainda que o painel se encontrava à época do restauro bastante desfigurado apresentando diversas lacunas.

Sobre o painel não instalado que aparece na relação de 1985, trata-se da obra polêmica “Peixe com cara de gente”. Série de azulejos que permanece guardada no arquivo do prédio até hoje, tendo sido redescoberta apenas no ano de 1982⁴⁶ durante obras de recuperação das instalações, em etapa dedicada especialmente ao trabalho de conservação e restauro dos azulejos. Os azulejos “Peixe cara de gente” originalmente se destinariam a compor o painel instalado na parede da livraria⁴⁷, mas foram substituídos por estrelas do mar⁴⁸. Verificou-se que os azulejos encontrados quando montados compunham um padrão formado por 24 azulejos, “composto de maneira análoga aos padrões dos painéis existes HFL e HFO”⁴⁹. E, ainda, que o conjunto com um total de 1.642 azulejos repete de maneira exata o “Núcleo celular” do painel “Estrela-do-mar e peixes”.⁵⁰ Trata-se de uma obra polêmica encomendada pelo Ministro que em seguida ordenou que fosse desinstalada. O motivo seria a semelhança dos peixes da composição com traços de seu rosto⁵¹. No episódio do painel “Peixe com cara de gente” registra-se que a ordem para

⁴⁴ IPHAN, *op. cit.*, 1985, folha 8.

⁴⁵ O documento informa sobre a realização de vistoria por solicitação de Superintendente do IPHAN em janeiro de 2002 e informa sobre o estado atual dos azulejos. A referência à obra de restauro realizada anteriormente é justificada pelo vencimento do prazo de garantia da obra e a necessidade de encomenda de novos azulejos para substituição dos danificados e reposição de alguns faltantes (IPHAN, 2002). IPHAN. **Informação/DITEC/6ª SR/IPHAN no. 018/02**. Assunto: Painéis de azulejos do Palácio Gustavo Capanema. Arquivo 6ª SR/IPHAN – Rio de Janeiro. 2002.

⁴⁶ Conforme atesta o Caderno 12 PRPPC – Palácio da Cultura: relatório do estudo E.010-A. Azulejaria – Painel NC. Apesar do Caderno 12 ser de 1984, seu texto registra que a descoberta ocorreu em novembro de 1982 ao se inventariar as caixas de azulejos estocados no Almoarifado. IPHAN, *op. cit.*, 1984c, folha 1; *Idem*. Palácio da Cultura: relatório do estudo E.010-A. Azulejaria – Painel NC. In: **Caderno 12 PRPPC**. Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro, 1984c. A reportagem “Uma reforma para manter o espírito de 45”, de Joaquim Ferreira dos Santos para o Jornal do Brasil em 23/04/1984 também registra a descoberta. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Uma reforma para manter o espírito de 45. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 abr. 1984.

⁴⁷ Onde está o painel “Estrela-do-mar e peixes”.

⁴⁸ Conforme detalhamento da ficha técnica do painel “Estrela-do-mar e peixes” (HFL - Caderno 7) a parte central do painel foi modificada durante a sua colocação em novembro de 1942 com substituição do motivo peixe pelo de estrela-do-mar. IPHAN, *op. cit.*, 1984b, folhas 10-11; *Idem*. Palácio da Cultura: azulejaria – dados gerais. In: **Caderno 7 PRPPC**. Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro, 1984b.

⁴⁹ IPHAN, *op. cit.*, 1984c, folha 2.

⁵⁰ *Ibidem*, folha 6.

⁵¹ Em coluna do Jornal do Brasil de 16/05/1984 o jornalista Zózimo noticiou a questão da semelhança e a possibilidade de que tenha sido considerada uma insuportável irreverência a atitude de Portinari. No ano de 1996, por ocasião de uma das obras de

retirada do painel foi uma orientação pessoal do Ministro e que deveriam ser providenciados novos azulejos para a substituição. O preço do novo trabalho deveria ser acordado com Paulo Rossi Osir⁵². Foi mantida a composição geral, mas mudou-se o elemento figurativo que o compunha.

No arquivo do Projeto Portinari⁵³ constam três fichas catalográficas relativas aos azulejos existentes no Palácio Gustavo Capanema: Conchas e hipocampos; Estrelas-do-mar e peixes; e, Peixe cara de gente.

O painel que recebeu o título de “Conchas e hipocampos” é o que reveste a parede externa do edifício na fachada para a Avenida Graça Aranha. “Estrelas-do-mar e peixes” está instalado na parede interna da parte do térreo (pilotis) onde está a livraria (localizada no bloco lateral do prédio) voltado para o hall principal do prédio, cujo acesso ocorre pela Avenida Graça Aranha. As duas fichas relativas a estes dois painéis destacam a autoria de Portinari e informam que outros dois painéis também existentes nos pilotis seriam da autoria de Paulo Rossi Osir, mas não indica quais.

Com efeito, na minuta do contrato encontrada no arquivo do Projeto Portinari consta a contratação do artista para execução de apenas dois painéis de azulejos. Informação ratificada pela edição do dia 25 de julho de 1939 do Diário Oficial da União da qual consta a proposta de Candido Portinari para a execução de dois desenhos coloridos para azulejos no novo prédio do Ministério da Educação e Saúde. Não foram por nós encontrados termos aditivos a este contrato nas pesquisas realizadas no DOU e tampouco no arquivo do Projeto Portinari.

A ideia de que o trabalho de Portinari com os azulejos tenha ficado circunscrito aos dois grandes painéis é reforçada ainda pelo catálogo *raisonné* do artista, já que nele constam apenas desenhos e esboços relativos aos painéis notadamente a ele associados, além de esboços de ideias não executadas, entre as quais não se verificou a presença de figuras, como a Sereia, pertencente aos painéis de figuras avulsas. Vale o acréscimo de que antes da temática marinha Portinari elaborou estudos para os painéis com figuras de mulheres, mulheres e crianças, jogo de roda, brincadeiras de crianças e jogos infantis. Ao

restauro dos painéis de azulejo do Palácio Capanema, o jornal O Globo noticiou o episódio dos azulejos “peixe cara de gente” na reportagem “Peixes de Portinari voltam à tona 50 anos depois” de 12 de março de 1996. Quase vinte anos mais tarde o assunto voltou a ser notícia, conforme reportagem “Memórias do Palácio”, de Marcelo Bortoloti, da revista Veja sobre o Palácio Capanema (18/07/2012). BORTOLOTI, Marcelo. Memórias do Palácio. **Veja**, São Paulo, 18 jul. 2012. p. 96-98; PEIXES de Portinari voltam à tona 50 anos depois. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1996; ZÓZIMO. Homenagem ou irreverência? **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 mai. 1984.

⁵² Segundo o Caderno 12 PRPPC, o motivo da substituição foi descoberto pelos pesquisadores Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá da Fundação Getúlio Vargas, detentora do arquivo do Ministro Gustavo Capanema, em um despacho do ministro de 16/05/1942. O documento atesta a substituição por ordem pessoal do ministro que considerou o resultado estético do trabalho de Portinari insatisfatório. IPHAN, *op. cit.*, 1984c, folha 10. Esta informação foi depois registrada no livro “Colunas da Educação”, de 1996, de Lissovsky e Sá.

⁵³ Localizado no Rio de Janeiro.

total o catálogo apresenta 17 desenhos e esboços para os painéis de azulejo, entre os quais se encontram 4 abstratos que apresentam relativa semelhança com o trabalho final apresentado.

Em pesquisa realizada no arquivo do Diário Oficial da época encontramos ainda os seguintes resultados relativos aos nomes de Paulo Rossi e Candido Portinari: em 5 de setembro de 1941 está registrado contrato celebrado entre Paulo Cláudio Rossi e a Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde para execução dos azulejos do revestimento externo do edifício-sede do MES; em 25 de outubro de 1941 consta menção ao termo aditivo ao contrato celebrado entre Paulo C. Rossi para execução dos azulejos para o revestimento externo do edifício-sede do MES; no dia 29 de agosto de 1952 consta termo de contrato celebrado entre o Ministério da Educação e Saúde e Paulo C. Rossi para executar azulejos decorativos que faltam nas diversas fachadas do Ministério da Educação e Saúde, como também peças que faltam no painel interno, da autoria do Sr. Candido Portinari.

O contrato celebrado em setembro de 1941 informa que o artista Paulo Rossi deveria:

Executar sobre azulejos “biscuits” que serão em seguida envernizados e cozidos todos os azulejos para revestimento externo do edifício-sede do MES, de acordo com os cartões e desenhos coloridos que lhe serão fornecidos mediante as seguintes condições: dois painéis com grandes composições de aproximadamente 300 m² e azulejos com padrões cobrindo uma área total de aproximadamente 700 m²⁵⁴.

Apesar do contrato prever a entrega a Paulo Rossi dos desenhos que seriam utilizados fazendo alusão a um terceiro, entre os documentos consultados tanto no Projeto Portinari, Arquivo do IPHAN e no banco de dados do Diário Oficial não se encontrou registro de que tenha sido Portinari efetivamente o artista responsável pelos desenhos relativos a esta encomenda de aproximadamente 1000 m² de azulejos feita em 1941 para revestir o prédio.

No que diz respeito aos painéis acessórios do MES executados pela Osirarte⁵⁵, mas sobre os quais não há elementos para afirmar de maneira definitiva quem seja o autor⁵⁶, há que se destacar que particularmente o painel sem título que reveste a caixa de escada principal dialoga notadamente com o painel “Motivos Marinhos I”. O traço dos desenhos dos dois painéis guarda destacada semelhança entre si e apresenta várias figuras em comum. Além das figuras de peixes, conchas, estrelas-do-mar, cavalo

⁵⁴ DIÁRIO Oficial da União – seção 1, Rio de Janeiro, 05/09/1941. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1941/09/05/Secao-1>. Acesso em: mar. 2018.

⁵⁵ Conchas e Peixes I, Conchas e Peixes II e o painel sem título que reveste a caixa da escada principal.

⁵⁶ Considerando a relevância dos painéis de azulejos do Palácio Gustavo Capanema para o Modernismo, as artes e a arquitetura brasileiras, cabe pontuar que grosso modo o discurso historiográfico sobre o tema passou ao largo deste dado. Exceção feita ao trabalho de Frederico Morais em “Azulejaria contemporânea no Brasil” que dá o crédito a Paulo Rossi pelo painel “Motivos Marinhos I” e também pelo painel sem título que reveste a caixa de escada principal. MORAIS, *op. cit.*, 1988.

marinho e das Sereias há também a malha sinuosa que envolve e conecta todos os elementos. Cada figura destes dois painéis está inscrita em padrão composto por 5 azulejos. Particularmente a figura da Sereia não consta dos outros painéis executados pela Osirarte, sendo encontrada apenas nestes dois painéis. Ainda que seja necessário destacar que as Sereias do painel sem título que reveste a caixa de escada principal possuem cauda bicorne e as do painel “Motivos Marinhos I” cauda tricorne⁵⁷. Tal leitura torna patente a possibilidade de que seja este o segundo painel da autoria de Paulo Rossi Osir de que falam as fichas catalográficas encontradas no Projeto Portinari.

Figura 2:
Sem título, 1941. Painel de Azulejos (detalhe de azulejo 15 x 15 cm), 465x2235 cm. 1941-1945. Palácio Gustavo Capanema (pilotis), Rio de Janeiro. Fonte: Foto da autora (recorte)



Como o azulejo necessariamente é uma obra coletiva e o painel sem título que reveste a caixa da escada principal (CEP), que escolhemos especialmente para o diálogo ao recortar nosso objeto de pesquisa, está inscrito em uma margem particular de indeterminação quanto à autoria, o assumimos como um trabalho coletivo atravessado pelos nomes de Portinari, Rossi Osir e a Osirarte. Trabalhar nesta perspectiva significa lembrar que a assinatura indicando a autoria da composição é um dos elementos que faz parte da obra, mas não o único. Significa aceitar que esta questão faz parte da obra. Tal fato não diminui, absolutamente, a importância da obra que faz parte de um ícone da arquitetura modernista brasileira e que segue sendo atravessada pelo espaço cultural que circunda, especialmente, os dois artistas em destaque.

Os azulejos sobre os quais se discute aqui a questão da autoria são compostos por figuras avulsas - ainda que compondo padrões - e permitem um paralelo com a especificidade que marca esse tipo de azulejo na tradição portuguesa. Notadamente os painéis de figura avulsa são uma herança da azulejaria

⁵⁷ As diferenças nos desenhos estão registradas no Caderno 4 PRPPC - Palácio da Cultura, azulejaria: tipos e padrões. IPHAN. Palácio da Cultura: Palácio da Cultura, azulejaria: tipos e padrões. In: **Caderno 4 PRPPC**. Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro, 1984a, folha 4.

holandesa e fruto das relações comerciais e culturais estabelecidas entre os dois países particularmente nos séculos XVII e XVIII. Durante quase cinquenta anos importaram-se azulejos – dos quais os de figura avulsa são apenas uma parcela, já que o foco das importações eram os grandes painéis – provenientes dos Países Baixos em função de sua qualidade técnica. À importação massiva de azulejos holandeses liga-se uma mudança na produção portuguesa que daria origem ao ciclo dos mestres e a adoção do azul e branco como esquema de cores exclusivo. Assim, a opção por também compor os murais de azulejos do MES com painéis feitos de figuras avulsas, quer essa opção tenha sido idealizada por Portinari ou Rossi Osir, conecta o prédio com traços importantes da história do azulejo em Portugal que dizem respeito ao próprio processo por meio do qual essa arte se tornou singular naquele país. Sobre os painéis de figura avulsa, especificamente, vale pontuar que se trata de um tipo de mural com temáticas e elaboração simples feito por aprendizes e destinado a espaços secundários. No prédio do Ministério os azulejos com figuras avulsas, que revestem o prédio em diálogo com os dois grandes murais reconhecidamente assinados por Portinari, assumem um papel secundário quando vistos comparativamente no conjunto e fazem parecer acertado o paralelo com a tradição portuguesa e holandesa, ainda que se notem algumas adaptações. Não possuem a “estrelinha” no canto como os holandeses⁵⁸, mas apresentam nos dois painéis que revestem as paredes curvas dos pilotis uma malha de linhas diagonais sinuosas que cumprem o papel de articular os vários azulejos do painel entre si. Cada um apresenta uma imagem solta no centro e obedece ao esquema de cores do azul e branco. Como no azulejo de figura avulsa o seu uso ocorre em um espaço secundário.

A interrogação sobre a autoria do painel sem título que reveste a caixa da escada principal (CEP) nos provoca ainda a refletir sobre a construção coletiva que cerca o trabalho com os azulejos sob outro prisma ainda, já que o trabalho na Osirarte era capitaneado por Paulo Rossi Osir, mas feito por um grupo de artistas. Entre eles estavam Mario Zanini, Hilde Weber, Gerda Bretani, Alfredo Volpi e Krajcberg⁵⁹. Mesmo que a autoria da composição fosse identificada a obra continuaria atravessada e marcada pelos gestos e nomes do coletivo que participou de sua feitura.

No tocante ao trabalho deste grupo de artistas cabe destacar que encontramos a figura da sereia em obra com azulejos assinada individualmente por Hilde Weber. No painel “Brasil”, composto por 16 azulejos, de 1940, de Hilde, um mapa fantástico de nosso país conta a figura de uma solitária Sereia no mar no alto da composição à direita⁶⁰. Fauna, flora, igreja, atividades de pesca, plantio, mineração e outros elementos dão a ideia de um país naturalmente abundante.

⁵⁸ Uma de suas características é dada pelos pontos e traços no canto de cada azulejo, também chamado de “estrelinha”.

⁵⁹ LEMOS, *op. cit.*, 1984, p. 174.

⁶⁰ Figura aliás que lembra as Sereias dos bestiários medievais.

Ainda sobre o trabalho de Paulo Rossi Osir com os azulejos junto ao MES, não há elementos de caráter documental que apontem que tenha sido ele também o responsável por dirigir a aplicação final. Mas é possível, contudo, afirmar a partir do termo de contrato estabelecido no ano de 1941 entre a Osirarte e o MES que com exceção da direção da aplicação final ele assumiu as tarefas regulares do que se entende por ladrilhador (domínio da produção, estabelecimento do contato com o encomendador, distribuição da encomenda entre olaria e pintor). Sua atuação junto ao Ministério para executar azulejos para revestir o Palácio Gustavo Capanema não ficou, contudo, restrita ao período de construção do prédio, já que o contrato celebrado em 29 de agosto de 1952 atesta sua contratação para o fornecimento dos azulejos que faltam nas fachadas do edifício. Possivelmente esse contrato se refere ao primeiro trabalho de restauro que os painéis de azulejos sofreram na década de 1950 e que notadamente tiveram Paulo Rossi Osir à frente⁶¹.

Feito a muitas mãos, os painéis de azulejos do Palácio Gustavo Capanema nos convidam a refletir de maneira crítica sobre a noção de autoria que envolve as obras de arte e abre questões relevantes sobre técnicas atravessadas por uma produção coletiva. Ao estabelecer conexões de forma documental a partir dos arquivos do Projeto Portinari e IPHAN ganhou particular destaque em nossa análise a atuação de Paulo Rossi – notadamente menos conhecido do que Portinari - na fabricação dos quase 50 mil azulejos que revestem o prédio. Além de sublinhar a importância do trabalho de revisão historiográfica, ainda que se trate de obras amplamente estudadas.

⁶¹ No Resumo das intervenções no Bem Tombado, de 1987, consta a informação de que a primeira restauração dos azulejos é anterior ao ano de 1965 e foi feita por Paulo Rossi. Consta ainda que a restauração de 1970 foi realizada pela professora Hilda Goltz (IPHAN, 1987). IPHAN. **Resumo de intervenções no bem tombado**. Arquivo 6ª SR/IPHAN – Rio de Janeiro. 1987 (Preservação - Ficha de Cadastro, pasta 3). Em documento de 2002 consta a informação de que os azulejos teriam sido restaurados no ano de 1951 por Paulo Rossi e que outras restaurações se seguiram nas décadas de 1970 e 1980. IPHAN, *op. cit.*, 2002, p. 3.